

# EFEITOS DO USO DA ARQUITETURA HOSTIL SOBRE A PAISAGEM URBANA EM SANTA MARIA-RS

EFFECTS OF THE USE OF HOSTILE ARCHITECTURE  
ON THE URBAN LANDSCAPE IN SANTA MARIA-RS

EFFECTOS DEL USO DE LA ARQUITECTURA HOSTIL  
EN EL PAISAJE URBANO EN SANTA MARIA-RS

Dailza Fiuza Piccolli<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva analisar quais os efeitos do uso da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana da cidade de Santa Maria (RS). É um estudo exploratório de abordagem qualitativa, onde, a partir de dados obtidos em pesquisa de campo realizada anteriormente, os quais dizem respeito à identificação de um total de 28 elementos de arquitetura hostil distribuídos em 3 perímetros urbanos observados na região central de Santa Maria, foi possível apontar aspectos relacionados à presença dessa arquitetura hostil na paisagem urbana da cidade. Desse modo, os aspectos apontados e discutidos foram: declínio da hospitalidade urbana; formação de espaços urbanos de má qualidade; descaracterização arquitetônica e patrimonial; e reforço de desigualdades sociais e aporofobia. Considera-se que de modo geral, os efeitos da inserção da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana de Santa Maria (RS), enquadram-se como negativos e nocivos tanto para a cidade em si, como para aqueles que a utilizam.

**Palavras-chave:** Arquitetura Hostil. Paisagem urbana. Santa Maria (RS).

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the effects of the hostile architecture's mechanisms on the urban landscape of the city of Santa Maria (RS). It is an exploratory study of quality approach. From a field research data applied, which identified a total 28 hostile architecture's elements spread between three urban perimeters observed in Santa Maria's downtown area, it was possible to point aspects related to the presence of this hostile architecture in the urban landscape of the city. This way, the pointed and discussed aspects were: urban hospitality decline; bad quality urban space shaping; architectonic

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural - Universidade Federal de Santa Maria. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0983-1591>. E-mail: [dailzaffiuz@gmail.com](mailto:dailzaffiuz@gmail.com)

Artigo recebido em setembro de 2022 e aceito para publicação em novembro de 2022.

and patrimonial decharacterization; reinforcement of social inequality and aporophobia. It is considered, in a general way, that, the hostile architecture insertion effects on Santa Maria's (RS) urban landscape, are negative and nocive as much for the city itself as for the people who use it.

**Keywords:** Hostile Architecture. Urban Landscape. Santa Maria (RS).

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar los efectos del uso de la arquitectura hostil en el paisaje urbano de Santa María (RS). Se trata de un estudio exploratorio con enfoque cualitativo, donde a partir de datos obtenidos en investigaciones de campo realizadas previamente, que se refieren a la identificación de un total de 28 elementos de arquitectura hostil distribuidos en 3 perímetros urbanos observados en la región central de Santa María, se fue posible señalar aspectos relacionados con la presencia de esta arquitectura hostil en el paisaje urbano de la ciudad. Así, los aspectos señalados y discutidos fueron: declive de la hospitalidad urbana; formación de espacios urbanos de mala calidad; descaracterización arquitectónica y patrimonial; y refuerzo de las desigualdades sociales y la aporofobia. Se considera que, en general, los efectos de la inserción de la arquitectura hostil en el paisaje urbano de Santa Maria (RS), calzan como negativos y perjudiciales tanto para la ciudad misma como para quienes la utilizan.

**Palabras clave:** Arquitectura hostil. Paisaje urbano. Santa María (RS).

## **INTRODUÇÃO**

As cidades se transformam em diferentes ritmos e aspectos, os quais passam a redefinir as dinâmicas de uso dos espaços urbanos bem como a interação dos cidadãos entre si e com seu local de residência, nesse sentido, é comum que haja a manifestação de diversos sentimentos e desejos individuais e/ou coletivos no cotidiano das cidades, os quais podem ser representados através de ações e também de formas concretas, materializadas. Neste trabalho, partiremos do entendimento da existência da hostilidade no dia a dia das cidades, para chegarmos ao objeto de estudo que é a Arquitetura Hostil.

A arquitetura hostil enquadra-se como um modelo de arquitetura pautado na intenção de afastar pessoas indesejáveis de espaços urbanos, utilizando para isso um design restritivo (FARIA, 2019) instalado sobre a paisagem urbana. Por sua vez, a paisagem urbana engloba o “conjunto de tudo aquilo que forma o espaço público, isto é, ruas, calçadas, praças, equipamentos, vegetação, entre outros” (DENARDIN; SILVA, 2010, p. 88). Desse modo, é possível compreender que esse modelo de arquitetura se faz presente nas cidades através de sua inserção na paisagem urbana.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva de maneira geral analisar quais os efeitos do uso da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana de Santa Maria (RS), cidade da região central do Rio Grande do Sul, de modo que para tal intento, apresenta-se e utiliza-se os

resultados do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Arquitetura Hostil e Turismo: uma investigação sobre a existência de hostilidade através da arquitetura em espaços urbanos de Santa Maria (RS)”, como forma de dar suporte às análises e discussões.

Compreender o contexto em que se desenvolvem as práticas de arquitetura hostil pressupõe refletir sobre outros aspectos, tais como, o processo de urbanização das cidades, as formas de organização social e o modo de relacionar-se com o outro e com os espaços. Portanto, este estudo justifica-se e torna-se relevante ao mesmo tempo, em razão da oportunidade de ampliar uma discussão recente, que trata sobre o modelo de arquitetura hostil que exclui aqueles que não são bem aceitos no meio social e que como consequência traz alterações na paisagem urbana e nas relações de uso dos espaços.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho classifica-se como exploratório e de abordagem qualitativa, uma vez que explora a realidade buscando adquirir maior conhecimento sobre determinado assunto (ZANELLA, 2013), neste caso, sobre a arquitetura hostil e seus impactos na paisagem urbana. Nesse sentido, em um primeiro momento foi realizada pesquisa bibliográfica referente à arquitetura hostil e paisagem urbana, que são os conceitos fundamentais do artigo, foram consultados diversos autores e obras, a fim de que se conseguisse reunir ideias e pontos de vistas pertinentes à discussão que o artigo propõe.

Em seguida, utilizando dados disponíveis de uma pesquisa de campo realizada anteriormente, os quais dizem respeito à identificação de 28 elementos de arquitetura hostil distribuídos em três áreas observadas no centro de Santa Maria (RS), foi possível desenvolver a discussão sobre os efeitos desse modelo de arquitetura sobre a paisagem urbana, que constitui o objetivo geral deste trabalho.

Destaca-se que os aspectos apontados neste trabalho como tendo relação com o efeito da presença de arquitetura hostil na paisagem urbana de Santa Maria, foram determinados com base na observação dos elementos hostis identificados, sua forma, tamanho e localização no contexto geral do espaço urbano.

## **ARQUITETURA HOSTIL**

Esse modelo de arquitetura fundamentado na hostilidade, se manifesta sob diversas formas, desde ocupações discretas até escancaradas, alguns exemplos são bancos com design desconfortável, paisagismo espinhoso, espetos sobre soleiras, vãos urbanos preenchidos por pedregulhos, além de estar presente também em espaços privados como residências particulares, partindo do pressuposto de proteção contra a violência e o crime (FERRAZ *et al.*, 2015).

A presença desses tipos de elementos interfere no uso dos espaços urbanos ao restringir o acesso e permanência de pessoas em determinados locais, atuando como uma estratégia de controle social (COX; COX, 2015). Ademais, mesmo que esses artefatos

representem agressividade e limitações ao corpo, “[...] boa parte da população não os enxerga dessa forma, sendo vistos como normais, associados à segurança e mesmo ao status em alguns casos.” (CINTRA; CAMARGO, 2019, p. 9).

Cintra e Camargo (2019) apontam que são utilizadas diferentes expressões para referir-se a esse modelo de arquitetura, como por exemplo arquitetura do medo, arquitetura da violência e arquitetura antimendigo, contudo, para as autoras parece ser mais abrangente a expressão “arquitetura hostil”. Para Faria (2019, p. 225) todas as nomenclaturas referem-se ao “[...] mesmo fenômeno de proteção, fortificação e afirmação social de status, que geram segregação, exclusão, conflitos e alterações estéticas no ambiente urbano e conduzem os usos do espaço público.” (FARIA, 2019, p. 225).

De acordo com Freire (2019), esse tipo de arquitetura expressa uma realidade que sempre existiu nas cidades, isto é, sempre houve meios de punir/barrar aqueles que não cumprem o propósito de uso de certos espaços. Portanto, se o propósito de um banco é servir unicamente de assento, aqueles que fizerem uso como leito, serão punidos, como é o que acontece por meio da fixação de divisórias em bancos ou mesmo um redesenho de sua estrutura, contando com um design desconfortável até mesmo para se sentar.

Dessa forma, podemos entender que a arquitetura hostil atua como uma forma de colocar a cidade contra as pessoas, ao delimitar o uso das estruturas e espaços, sendo que, como aponta Freire (2019), mesmo buscando excluir e negar a existência de moradores de rua que são seus principais alvos, essa arquitetura acaba por hostilizar a cidade como um todo, ao gerar desconforto para outros indivíduos.

Nesse viés, pensando sobre a cidade enquanto palco de inúmeros acontecimentos e transformações, é interessante o pensamento de Alves (2018, p. 16), para quem “A cidade constitui-se como o ponto de encontro do homem com o meio, em que há uma interferência do homem no meio, transformando-o e modificando-o, formando um determinado tipo de cidade em um período histórico.” ou seja, são os próprios indivíduos que, baseados em suas crenças e escolhas, causam mudanças em seus espaços de (con)vivência.

Pode-se refletir também que, a presença cada vez mais marcante da arquitetura hostil nas cidades traz à luz diversos problemas, principalmente de ordem social e econômica, os quais se fazem presentes nas sociedades desde muito antigamente e que, por inúmeras razões permanecem sem solução até hoje. O acesso à moradia e a associação entre pobreza e perigo, por exemplo, constituem duas principais questões não resolvidas e que podem de certa forma contribuir para que a arquitetura hostil aconteça da forma como acontece e atinja certos grupos de indivíduos.

Kussler (2021) ao refletir sobre ações promovidas pelo Estado para lidar com a ocupação de espaços urbanos por determinadas pessoas - a exemplo de obras públicas que já trazem em sua construção artefatos hostis de repelimento a moradores de rua -, aponta que são formas de exclusão social apresentadas através da arquitetura hostil que em nada contribuem para a solução dos problemas de acesso à moradia e condições básicas de sobrevivência, além de demonstrar o despreparo e incapacidade de se lidar com questões do ser humano com empatia.

Sendo assim, sugere-se que no decorrer do tempo, o desejo individual/coletivo de afastar aqueles que não são considerados agradáveis/desejáveis ganha intensidade e assume formas diferentes, as quais buscam demonstrar a esses indivíduos que eles não são bem vindos em espaços urbanos onde prevalece a lógica de que só é aceito quem trabalha e consome.

Nesse viés, Andrade (2011) sugere que o espaço urbano enquanto espaço de vivência entre diferentes, parece estar ameaçado, de modo que está ocorrendo um processo de afastamento do outro, onde:

[...] as barreiras urbanas e arquitetônicas, o mobiliário, detalhes e sinais de exclusão vão tolhendo as expressões corporais, os contatos humanos, os comportamentos e as interações das pessoas entre si e com a cidade, deixando-a com feições hostis frente a seus usuários (ANDRADE, 2011, p. 5).

Em suma, por estar inserida na paisagem urbana, a arquitetura hostil vai se transformando em uma parte do todo, enquanto não é contestada e mesmo removida dos espaços.

## **PAISAGEM URBANA**

Bonametti (2004) explica que a arquitetura paisagística iniciou quando a humanidade passou a ter necessidade de viver em espaços estabelecidos e protegidos de alguma forma, tendo isso ocorrido com o início da prática da agricultura, desse modo, as paisagens urbanas mais antigas são Egito, Israel e Irã. O autor também aponta que a paisagem urbana pode ser compreendida, dentre outras coisas, como o reflexo da relação entre homem e natureza:

[...] e pode ser vista como a tentativa de ordenar o entorno com base em uma paisagem natural. E o modo como ela é projetada e construída reflete uma cultura que é o resultado da observação que se tem do ambiente e também da experiência individual ou coletiva com relação a ele (BONAMETTI, 2004, p. 109).

Ou seja, as paisagens urbanas nas quais estamos inseridos atualmente, são resultado de processos de transformação que, no decorrer da história, moldaram o entorno físico tendo como base a cultura do povo que habitava os espaços em cada época. Sendo assim, “Sofrendo variação ao longo do tempo e do espaço, a expressão das paisagens construídas determinou, alterou e influenciou as condições da vida do homem.” (BONAMETTI, 2004, p. 110).

De acordo com Denardin e Silva (2010, p. 86), “[...] a paisagem urbana permite a reinvenção e organização de espaços agradáveis através do estudo, da adaptação, da coerência e da estética de espaços públicos”, de modo que, estes mesmos espaços possuem diversas formas de utilização, as quais podem promover integração e sociabilização ao passo que desenvolvem o sentimento comunitário.

Nesse viés, a paisagem urbana pode ser compreendida como o “conjunto de tudo aquilo que forma o espaço público, isto é, ruas, calçadas, praças, equipamentos, vegetação, entre outros”

(DENARDIN; SILVA, 2010, p. 88), e são nesses espaços públicos, que se desenvolvem as mais variadas relações, sejam elas interpessoais ou ainda, entre indivíduo e cidade.

À vista disso, pensando sobre o papel da paisagem urbana na experiência de viver na (e a) cidade, é interessante compreender que a cidade é um produto construído e moldado pelo homem e que a paisagem urbana “[...] auxilia no deslocamento das pessoas dentro das cidades, já que através de seus elementos formais é que as pessoas conseguem identificar e guardar na memória informações e imagens da cidade” (DENARDIN; SILVA, 2010, p. 89).

Por sua vez, Tozzi (2017) explana sobre a paisagem urbana enquanto um bem jurídico e merecedor de proteção legal, além de associar a sua proteção à qualidade de vida da população das cidades. Para o autor, atualmente, nas cidades brasileiras se tem um cenário desequilibrado e caótico, fruto da urbanização e crescimento populacional desorganizado pelo qual o país passou nas últimas décadas, o que corrobora com um “[...] conjunto desarmônico, feio para os olhos, que degrada a paisagem urbana.” (TOZZI, 2017, p. 243).

Nesse viés, queremos chegar ao entendimento de que a arquitetura hostil, materializada sob suas diversas formas, se insere na paisagem urbana e passa a fazer parte do cenário como um todo, interferindo, portanto, na estética original dos espaços públicos, bem como nas suas formas de uso.

## **ARQUITETURA HOSTIL EM SANTA MARIA (RS)**

A cidade de Santa Maria localiza-se na região central do rio Grande do Sul, a cerca de 290 quilômetros da capital Porto Alegre, é uma das principais cidades do estado e destaca-se como centro estudantil, militar, comercial e de prestação de serviços (UFSM, 2022). Além disso, possuía no ano de 2021 uma população estimada em 285.159 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021).

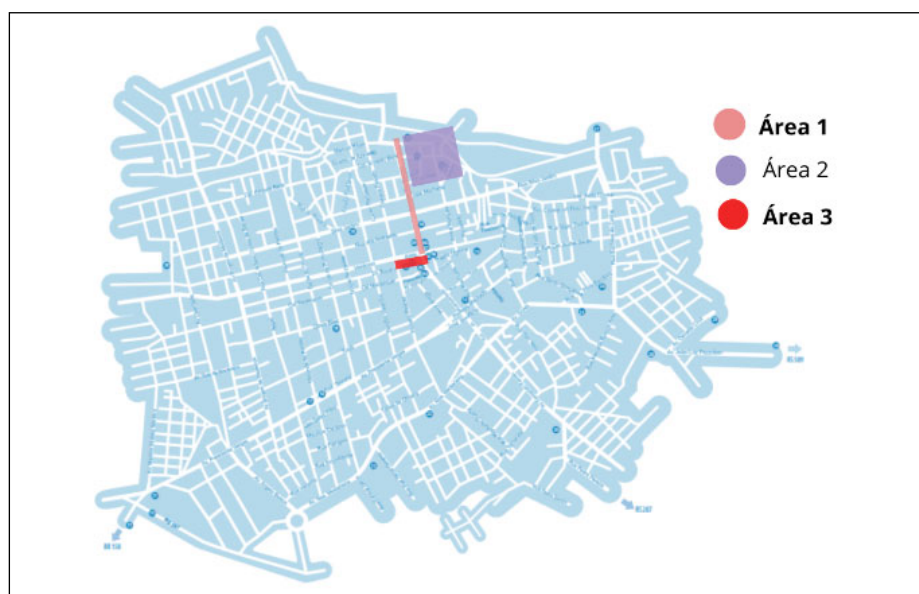
Com relação aos dados da pesquisa de trabalho de conclusão de curso (mencionado no tópico *Introdução*) e que servirão de base para a discussão que esse artigo propõe, destaca-se que os mesmos foram obtidos através de observação sistemática realizada no mês de novembro de 2021, em três áreas pertencentes à região central da cidade de Santa Maria (RS). Sendo: Avenida Rio Branco; Vila Belga; e Calçadão Salvador Isaia/ Praça Saldanha Marinho, áreas 1, 2 e 3 respectivamente. Além disso, foram definidas três categorias de elementos de arquitetura hostil a serem verificados nestas áreas: bancos; ferragens; e plantas/vegetação.

A Figura 1 apresenta a localização da cidade de Santa Maria (RS), enquanto a Figura 2 mostra as três áreas pertencentes à região central da cidade onde foi realizada a coleta dos dados.



Fonte: Wikipedia (2022).

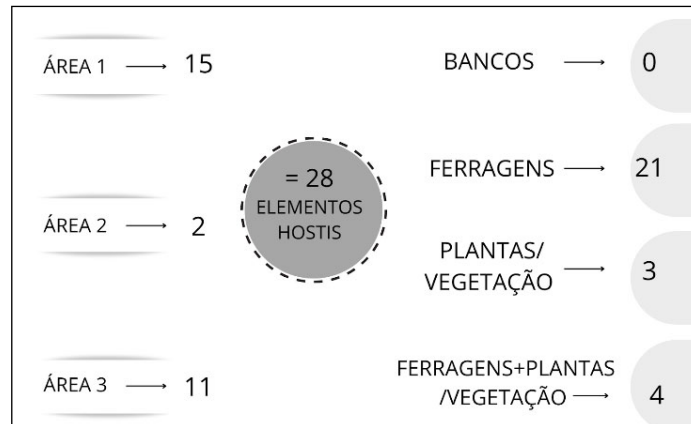
**Figura 1.** localização da cidade de Santa Maria (RS).



Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria (adaptado pela autora, 2022).

**Figura 2.** localização das áreas observadas no centro da cidade.

Como resultado, constatou-se a presença de um total de 28 elementos hostis distribuídos entre as três áreas observadas, sendo que a área 1 (Avenida Rio Branco) corresponde a 15 elementos, a área 2 (Vila Belga) apresenta 2 elementos e a área 3 (Calçada Salvador Isaia/Praça Saldanha Marinho) outros 11 elementos. Além disso, com relação às três categorias de elementos de arquitetura hostil estabelecidos para a pesquisa, destaca-se que dos 28 elementos identificados, 21 correspondem a ferragens, 3 classificam-se como plantas/vegetação e outros 4 dizem respeito a plantas/vegetação somado a ferragens. Quanto à categoria bancos, não foi encontrado nenhum elemento.



**Figura 3.** Quadro representativo dos resultados da pesquisa.

Como forma de expor alguns artefatos de arquitetura hostil identificados, temos a Figura 4, a seguir.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Figura 4.** Arquiteturas hostis identificadas no centro de Santa Maria/RS.



Observa-se que, a primeira fotografia (canto superior esquerdo), apresenta um artefato hostil presente em um prédio da Avenida Rio Branco (área 1), tratando-se de uma ferragem instalada em toda a extensão da parede frontal. A segunda fotografia (canto superior direito) diz respeito ao artefato hostil encontrado no canteiro central da Avenida Rio Branco (área 1), onde podemos visualizar um cercamento de ferros ao redor de árvores, em um espaço onde circulam muitas pessoas diariamente.

A terceira fotografia (canto inferior esquerdo) trata-se do artefato hostil encontrado na Praça Saldanha Marinho (área 3), nesse caso podemos verificar a situação comentada no texto, sobre a sutileza de algumas arquiteturas hostis, pois, vemos um vaso de plantas espinhosas presentes na fachada do prédio, o que poderia ser entendido como objeto decorativo/ornamental, mas que possui um viés de impedir que alguém se recoste na parede ou permaneça no local. Por fim, a última fotografia (canto inferior direito) expõe um artefato hostil localizado no Calçadão Salvador Isaia (área 3), onde é possível ver uma grade cercando um espaço vazio sob a marquise de uma livraria, mesmo espaço que poderia potencialmente ser utilizado por moradores de rua como abrigo.

Após o exposto, abre-se caminho para a discussão principal que esse artigo propõe, que gira em torno dos efeitos do uso da arquitetura hostil na paisagem urbana da cidade de Santa Maria (RS).

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Como forma de atingir o objetivo geral do trabalho, serão comentados a seguir, aspectos relacionados à presença da arquitetura hostil na paisagem urbana da cidade de Santa Maria, de modo a contribuir para discussões sobre o tema.

O primeiro aspecto que podemos apontar, analisando a inserção da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana da cidade, diz respeito ao **declínio da hospitalidade urbana**. De acordo com Ferraz (2013) a hospitalidade abrange uma dupla relação humana: a relação com o outro e também a relação com o espaço. Dessa forma, a hospitalidade urbana diz respeito aos meios oferecidos pela cidade no sentido de bem acolher tanto seus moradores como visitantes, de modo que, a cidade hospitaleira pode ser compreendida como aquela que, através de seu espaço urbano/público, propicia as condições necessárias para o bem estar e boa receptividade daqueles que utilizam esses espaços (FERRAZ, 2013).

Ferraz (2013) também explica que oferecer espaços hospitaleiros no âmbito público/urbano, significa possuir várias qualidades urbanísticas voltadas ao propósito de fazer com que as pessoas se sintam acolhidas e “em casa”, sendo que os gestores públicos são os encarregados de implementar e/ou consolidar tais qualidades. Nesse viés, considerando a existência de práticas hostis nas cidades, materializadas, por exemplo, através da arquitetura, é possível vislumbrar que a essência da hospitalidade urbana vai se fragilizando e dando espaço a manifestações de aversão ao outro, fazendo com que a cidade ao invés de acolher, exclua aqueles compreendidos como seus hóspedes.

Portanto a arquitetura hostil transforma os espaços urbanos, por meio de intervenções que os tornam hostis e desagradáveis, tanto para serem utilizados como para serem vistos/

observados. No caso da cidade de Santa Maria, a presença expressiva de elementos de arquitetura hostil em áreas onde existe um grande fluxo de pessoas, somada ao fato da potencialidade turística das mesmas, demonstra que a cidade não promove meios adequados de hospitalidade urbana, principalmente nessas áreas observadas e, muito embora não tenham sido identificados bancos cujo design fosse hostil e restritivo, apenas a presença de ferragens em soleiras de vitrine são capazes de tornar o local inacessível para um descanso rápido do transeunte, o que por consequência torna o espaço inospitaleiro.

Desse modo, conseguimos chegar ao segundo aspecto apontado em relação à presença da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana de Santa Maria, que é a **formação de espaços urbanos de má qualidade**. Quanto mais se apura o olhar sobre os espaços urbanos, mais se depara com a poluição visual dos mesmos, com ferragens, muros, grades entre outros, de modo que esses elementos dificultam a distinção clara de cada objeto que compõem a paisagem.

Nesse sentido, a arquitetura hostil materializada sob diversas formas e tamanhos, promove impactos negativos na qualidade ambiental e visual dos espaços urbanos, sendo que, por qualidade ambiental urbana entende-se, a soma de diversos fatores que tornam a cidade coerente e organizada, capaz de atender as necessidades de seus moradores (FERRAZ, 2013).

Nas áreas observadas em Santa Maria, assim como pode-se dizer, na maior parte da cidade como um todo, existe a predominância da poluição visual, seja pelas construções que não se harmonizam entre si, seja pela fiação elétrica que não agrada aos olhos muito menos as lentes de câmeras, seja pela forma de (des)organização da cidade em si. Nesse sentido, quando se passa a perceber a existência da arquitetura hostil somada a tudo isso, maiores são os esforços para tentar distinguir claramente os elementos constituintes da paisagem urbana. Complementar a isso, como aponta Andrade (2010), no processo de afastar-se do outro, de excluir os não desejáveis, as barreiras urbanas e arquitetônicas vão ganhando predominância nos espaços urbanos e contribuindo para que os mesmos percam qualidade.

Em seguida, a **descaracterização arquitetônica e patrimonial** enquadra-se também como um dos efeitos da presença da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana de Santa Maria. Entende-se que a fixação de dispositivos hostis em qualquer edificação, seja ela um patrimônio tombado ou não, pode promover modificação estética e funcional, que vem a desconfigurar a originalidade da construção.

Como exemplo, podemos utilizar o prédio nº 683 localizado na Avenida Rio Branco em Santa Maria, o mesmo foi tombado provisoriamente como Patrimônio Histórico e Cultural do município no ano de 2020 (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARIA/RS, 2020) e de acordo com a pesquisa de campo, foi identificada a presença de arquitetura hostil junto a essa construção, estando materializada sob a forma de ferragens que se estendem por toda a parede frontal, objetivando restringir o acesso a quem por ventura viesse a se recostar na parede e/ou permanecer naquele local.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Figura 5.** Arquitetura Hostil no prédio nº 683 na Av. Rio Branco em Santa Maria.

Esse caso exemplifica uma edificação tombada como patrimônio, contudo, a arquitetura hostil se insere em demais construções, as quais não possuem tombamento e, de maneira geral, as implicações são as mesmas, visto que a instalação de dispositivos hostis desconfigura e descaracteriza a arquitetura original.

Por último, aponta-se o **reforço de desigualdades sociais e aporofobia** como um aspecto relacionado à presença de arquitetura hostil na paisagem urbana de Santa Maria. Como aponta Peixoto (2020), a arquitetura hostil intervém muitas vezes de forma sutil de modo que não é percebida pela maioria das pessoas, exceto por aquelas que possuem as ruas como local de moradia e que, portanto, são afetadas por esses detalhes hostis que “delimitam seu ir e vir em prol de uma paisagem livre de elementos frutos da desigualdade econômica e social, como é o caso da problemática da habitação e da subsistência” (p. 13).

Nesse sentido, a realidade que envolve a arquitetura hostil evidencia e torna nítido o sentimento de aversão e repulsa por aqueles indivíduos em situação de vulnerabilidade/pobreza, a chamada aporofobia. É comum nos depararmos com pessoas em situação de rua na cidade de Santa Maria, destaca-se que, dentre as áreas observadas na pesquisa de campo, a Avenida Rio Branco torna-se a via onde mais se percebe a presença e circulação desses indivíduos, o que também pode ser uma explicação para o fato de a maior parte dos elementos hostis identificados estarem localizados nessa área.

Desse modo, por serem os principais atingidos pela arquitetura hostil e não receberem a assistência adequada, pessoas em situação de rua tendem a ter sua situação agravada pela hostilidade dos espaços públicos, uma vez que os faz permanecer nessas condições, apenas migrando para outros locais da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo esteve em desenvolver apontamentos e discussões relacionados aos efeitos do uso da arquitetura hostil sobre a paisagem urbana de Santa Maria (RS), a partir da análise de dados disponíveis de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso realizada anteriormente pela autora.

De modo geral, pode-se considerar que os efeitos da arquitetura hostil na paisagem urbana de Santa Maria, comentados no texto, configuram-se como negativos, sendo eles: declínio da hospitalidade urbana; formação de espaços públicos de má qualidade; descaracterização arquitetônica e patrimonial; e reforço de desigualdades sociais e aporofobia.

A cidade de Santa Maria possui uma paisagem urbana marcada pela poluição visual dos espaços, o que se agrava com a inserção de dispositivos de arquitetura hostil nos mesmos, além disso, tanto a população que vive nas ruas e enfrenta vulnerabilidade socioeconômica, como aqueles que possuem moradia e condições, cada vez menos encontram/recebem hospitalidade urbana na cidade onde vivem em razão da predominância de espaços hostis e excludentes.

Somado a isso, os gestores públicos parecem não atentar para os impactos do uso recorrente de arquitetura hostil nos espaços públicos urbanos, assim como também acontece com cidadãos que compactuam com o uso desse modelo de arquitetura. Ou seja, enquanto ninguém de fato questiona a realidade e busca meios de modificá-la em prol do bem estar de todos, a hostilidade vai se disseminando e promovendo alterações na paisagem urbana, consequentemente na qualidade ambiental dos espaços e na qualidade de vida da população.

Por fim, foi possível observar que a temática da arquitetura hostil é muito ampla e necessita ser mais estudada e questionada. Associando-a ao conceito de paisagem urbana, neste trabalho, percebeu-se que a relação entre os dois assuntos suscita discussões interessantes, os quais merecem ser levados adiante.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Virgínia L. R. **Brasília e a Arquitetura da Exclusão**: uma análise sobre o direito à cidade e a população em situação de rua. Trabalho de Conclusão de Curso, UnB, Brasília, 2018.
- ANDRADE, Patrícia A. de. **Quando o Design Exclui o Outro**: Dispositivos espaciais de segregação e suas manifestações em João Pessoa-PB. ARQUITEXTOS, 2011. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.134/3973>>. Acesso em 29 jun. de 2021.
- BONAMETTI, João Henrique. **Paisagem urbana bases conceituais e históricas**. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 20 n. 38, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1332>>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- CÂMARAMUNICIPALDESANTAMARIA/RS. **Decreto Executivo nº 0177/2020**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/proposicoes/Decretos-do-executivo/2020/4/0/69454>>. Acesso em: 25 mar. de 2022.

CINTRA, Claudia Mendonça. **A arquitetura e a qualificação do espaço público.** Arquitetura hostil e um estudo de caso no bairro da Saúde. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bdta.aguia.usp.br/item/002985139>>. Acesso em: 15 mar. de 2022.

COX, Elisa P; COX, Maria I. P. **Interdições ao corpo no corpo da cidade:** arquitetura, urbanismo, discurso e controle social. *Linguasagem*, UFSCAR - SP, v. 24 (1): 2015. Disponível em: <<https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/161>>. Acesso em: 15 mar. de 2022.

DENARDIN, Vanessa C. C.; SILVA, Adriana P. Paisagem urbana e hospitalidade pública um estudo em praças de Santa Maria, RS. **Disciplinarum Scientia.** Série: Ciências Sociais Aplicadas. UFN, S. Maria, v. 6, n. 1, p. 85-96, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/1508>>. Acesso em: 25 mar. de 2022.

FARIA, Débora R. Da generosidade à hostilidade: arquitetura hostil nas galerias da Avenida Sete de Setembro. In ROSANELI, Alessandro F. (org.) **Olhares pelo espaço público.** P. 223 - 250. UFPR, Curitiba, 2019. Disponível em: <[http://www.tecnologia.ufpr.br/portal/observatoriodoespacopublico/wp-content/uploads/sites/36/2019/10/LIVRO\\_2019\\_VF.pdf](http://www.tecnologia.ufpr.br/portal/observatoriodoespacopublico/wp-content/uploads/sites/36/2019/10/LIVRO_2019_VF.pdf)>. Acesso em: 18 mar. de 2022.

FERRAZ, S. M. T.; BENAYON, J. S.; ACIOLY, L. L.; ROSADAS, L. G. C.; MENDONÇA, P. R. C. C. de. Arquitetura da violência: a arquitetura antimendigo como eureka da regeneração urbana. **Movimento Revista de Educação**, UFF - RJ, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32563>>. Acesso em: 18 mar. de 2022.

FERRAZ, Valéria de S. **Hospitalidade urbana em grandes cidades.** São Paulo, 2013. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-10072013-161802/publico/TESE\\_VALERIA\\_FERRAZ.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-10072013-161802/publico/TESE_VALERIA_FERRAZ.pdf)>. Acesso em: 20 mar. de 2022.

FREIRE, C. C. **Arquitetura solidária:** recuperando prédios e vidas abandonadas. Restaurante popular e casa de passagem em Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Curso, Florianópolis - SC, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/197374/449%20caderno.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 mar. de 2022.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados:** Santa Maria. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santa-maria.html>>. Acesso em: 24 mar. de 2022.

KUSSLER, Leonardo M. Arquitetura hostil e hermenêutica ética. **Geograficidade** | v.11, n. Especial, Outono 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29463>>. Acesso em: 24 mar. de 2022.

PEIXOTO, Elaine L. **Arquitetura hostil em destinações turísticas.** Paraná: 14º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, 2020. <Disponível em: <https://www.sisapeventos.com.br/deangeli/wiew/inscription/submission/files/3/316-1822-5.pdf>>. Acesso em: 18 mar. de 2022.

TOZZI, Rodrigo H. B. B. Olhando pela janela: a paisagem urbana equilibrada como

indicador de qualidade de vida. **R. Bras. de Dir. Urbanístico** – RBDU | Belo Horizonte, ano 3, n. 4, p. 241-256, jan./jun. 2017.

UFSC-Universidade Federal de Santa Maria. **Santa Maria**. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/santa-maria/>>. Acesso em: 24 mar. de 2022.

ZANELLA, Liane C. H. **Metodologia de Pesquisa**. UFSC, 2013. Disponível em: <[http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB\\_2014\\_2/Modulo\\_1/Metodologia/material\\_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf](http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2022.